

“Há coisas que a ciência não explica”: a magia negra em *O Sétimo Juramento*, de Paulina Chiziane

Francisco Mateus António Wache
Universidade Pedagógica/Nampula
Mestrando / UA

A vida é como a água, nunca esquece o seu caminho.
A água vai para o céu mas volta a cair na terra
Vai para o subterrâneo, mas volta à superfície.
A vida é um eterno ir e voltar. (Chiziane, 2000)

PALAVRAS-CHAVE: MAGIA, CULTURA, RELIGIÃO, PROBLEMA, PAULINA CHIZIANE.

KEYWORDS: MAGIC, CULTURE, RELIGION, PROBLEM, PAULINA CHIZIANE.

A história narrada em *O Sétimo Juramento*, de Paulina Chiziane, remete-nos a um contexto de Moçambique pós-colonial, mas sobretudo, pós-guerra de 16 anos, entre a Renamo e a Frelimo. Um contexto em que a população moçambicana era extremamente pobre, não obstante a existência de uma pequena burguesia sustentada pelo apoderamento dos recursos do povo, pelo saque dos bens deixados pelo colonialismo português e pelo abuso do poder. Na sua grande maioria era composta por combatentes da luta de libertação nacional. Um contexto em que o catolicismo herdado do colono ainda era for-

temente dominante e a economia nacional era totalmente débil. O espaço onde decorrem as cenas narradas corresponde, hoje, à cidade de Maputo, onde vivia o casal protagonista, portanto a extremidade da civilização europeia em Moçambique, e Mambone, um distrito que pertencia à província de Inhambane, e que actualmente pertence à província de Sofala, conhecido pela fama de ser a terra dos feiticeiros mais temidos, e que representa a extremidade da resistência à cultura europeia.

O Sétimo Juramento é um magnífico romance, um palco onde podemos assistir a uma luta contínua e renhida entre o bem e o mal: a magia negra e a magia branca. Vemos, duma forma contínua e persistente, um casal que busca a solução dos seus problemas na magia, fazendo, deste modo, emergir duas forças antagónicas de poder mágico entre os africanos: a força mágica dos curandeiros (magia branca) e a força mágica dos feiticeiros (magia negra).

Alguns teorizadores distraídos chegam a dizer que o feiticeiro e o curandeiro são sinónimos. Mas cá, entre nós africanos, sabemos muito bem que o feiticeiro é filho de diabo, é promotor das forças do mal, sabe fazer muita magia para matar, prejudicar, colocar obstáculos na vida das pessoas e é, ao mesmo tempo, um canibal. Faz a magia negra. O curandeiro é a personagem com a responsabilidade de, a partir de rezas, quebrar, desfazer a magia negra. Faz a magia branca. Mas todo o curandeiro sabe fazer magia negra.

A família de David, personagem principal de *O Sétimo Juramento*, era culta. Acreditava em Deus. E David tinha contraído matrimónio civil e religioso com Vera. Os seus filhos assistiam a filmes ocidentais e escutavam contos orientais, como os de *As Mil e Uma Noites*. Veja-se, por exemplo, a alusão a Aladino, uma das personagens principais de um dos contos de *As Mil e Uma Noites*. Este conjunto de hábitos faz com que Vera, depois de o filho Clemente ter manifestado o primeiro quadro de visões mágicas, que se caracterizavam por ouvir vozes e ter visões, o que lhe causava desespero e atitudes anormais, como a vontade excessiva de atirar-se pela janela, recorresse à ajuda médica e não acreditasse que o seu filho era atormentado pela magia negra. Ou seja, não acreditava que Clemente estava possesso de um espírito (de magia branca) que o ajudava a visionar as maldades, as atrocidades praticadas pela magia negra, a do feiticeiro. Não acreditava na existência de magia negra, do animismo, apesar de se recordar de Hecatombes de gémeos que aconteciam na sua terra natal:

Nada têm de especial, as fobias do meu Clemente, consola-se, não se trata de presságio, nem profecias, são criancices, reflexos medonhos saídos de um filme de terror. Creio apenas nos vivos, nos mortos, não. Não creio nos falsos profetas, adivinhos [...] todos me sugerem que procure a verdade nos mistérios do oculto, mas eu, Vera, jamais estarei na casa de um curandeiro por nada deste mundo. (Chiziane, 2002: 21)

Ora, este primeiro quadro mágico de Clemente funciona como um verdadeiro *Leitmotiv* para Vera perder a fé no Deus dos vivos e começar a procurar soluções no Deus dos mortos. Se para Vera o motivo da perda da fé em Deus de Israel é a saúde de Clemente, em David a causa são os problemas da greve na fábrica, a necessidade de preservar o cargo que ocupa, a necessidade de fechar o rombo financeiro que efectuou na fábrica. Mas há um ponto em comum: ambos estão preocupados com o bem-estar da família. Portanto, são estas histórias paralelas que vão fazer com que os dois cristãos busquem a solução dos seus problemas na magia. Estamos diante de duas forças antagónicas que se juntam no mesmo palco para caminharem paralelamente.

Mostramos que Vera não acredita nos adivinhos e nos curandeiros. Tal como Vera, David também não acredita nos poderes mágicos, razão pela qual, depois de Lourenço, seu amigo, lhe sugerir a consulta aos adivinhos, ele resmunga: “-sou cristão – David pensa em voz alta – jurei renunciar a todas as manifestações do diabo” (ibid.: 44). Portanto, não acredita que a solução dos seus problemas esteja na magia. Repare-se que até aqui, Lourenço havia sugerido que o seu amigo fosse a um adivinho, a magia branca, a um curandeiro e não a um feiticeiro, como veremos mais adiante.

Apesar de David não querer renunciar à sua profissão, a persistência da greve, a ganância pelo cargo de direcção que ocupava e a impotência do Deus de Israel em resolver os seus problemas, fazem com que ele seja uma presa fácil dos adivinhos.

Nos mortos está a minha segurança. Preciso de resgatar a minha sombra perdida para me defender da fúria dos operários. Os meus crimes foram descobertos, não tenho protecção na igreja, nem na lei, nem na sociedade, nem na família. Os brancos foram feitos para o céu, para as nuvens e deuses celestes, mas os negros foram feitos para os defuntos, para as raízes e deuses terrestres. A magia negra e o único caminho que resta. (ibid.: 73)

É interessantíssima esta maneira fácil de se deixar vencer pelo outro lado da dimensão humana. Uma pessoa que viveu todo o tempo acreditando em Deus, incrédulo no poder da magia negra; uma pessoa cujos problemas eram resolvidos pelo tribunal e cujas doenças eram curadas pelos melhores médicos, não pode, duma forma leviana, aceitar ir consultar os adivinhos.

Esta maneira gananciosa de voltar às raízes, faz-nos lembrar um texto importantíssimo da Bíblia Sagrada, “o Filho Pródigo”, o qual narra que um filho, vendo que o seu pai estava já na idade avançada da velhice, pediu parte da sua herança e partiu para longe da sua terra natal, gastando toda a fortuna com mulheres de má vida, e regressando, desgra-

çado, à sua terra natal, à sua família e às suas raízes. Encontramos ainda ecos dum outro importante texto da literatura moçambicana, “O Sangue Negro”, de Noémia de Sousa, patente em *50 Poetas Africanos*, de Manuel Ferreira: “e nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar/dos teus tantãs de guerra chamando, [...]e vencida, reconhecesse os nossos elos... /e regressasse à minha origem milenar” (Ferreira, 1997: 348-350).

Parece que Paulina pretende transmitir a mensagem de que há necessidade de conciliar as duas partes do saber. A ciência da noite e a ciência da luz, da razão, chamando, deste modo, os moçambicanos aporuguesados, os que adoptaram o *modus vivendi* europeu a regressarem às suas raízes, à sua cultura, depois de o colonialismo, a igreja católica e o primeiro governo da Frelimo terem inibido a prática de adivinhos, de animismo e de magia negra. Mas, ao mesmo tempo, denuncia o comportamento da elite, dos ricos, face à magia (branca e negra) que se caracteriza por fingimento. Fingem que acreditam em Deus de Israel, enchem as igrejas aos Domingos e fazem festas de baptismo à luz do dia. Fingem que a ciência resolve os seus problemas, mas à noite, todos procuram os poderes do oculto.

Percebe-se claramente que não era intenção de David enveredar pela magia negra, na acepção em que se usa o termo no presente trabalho. O que David pretendia, de facto, era resolver o seu problema com os seus trabalhadores, mantendo-se, desta forma, no comando da empresa, o que iria garantir o conforto e o bem-estar da sua família. Como se pode ver, a intenção de David era nobre, era boa. A sua incipiência na arte do oculto vai conduzi-lo à ala má da magia: a magia negra. Na primeira tentativa de tratamento dos seus problemas, má sorte sua, é iniciado por um espírito da magia negra e não por um espírito da magia branca. É iniciado por uma feiticeira, com a qual mantém relações amorosas e com a qual toma o banho de sangue de bode preto, num ritual totalmente estranho aos princípios de tratamento de problemas como os que o afectam. E não é por acaso que o seu guia, Lourenço, estranhou o tipo de tratamento, ao afirmar que

o teu problema estava relacionado com o poder, devias ter sido tratado com uma ovelha. O bode também simboliza poder e força. Bode negro, para além de poder e força, simboliza também maldição. Homem que és, devias ter sido tratado com animal fêmea e não macho. Quem vai ao curandeiro carrega sombras negras no corpo e na alma. O branco purifica o negro. Tu foste lá coberto de negro e colocaram-te outro negro mais forte ainda. O teu caso foge do vulgar. Não consigo perceber. (ibid.: 133-34)

De facto, o caso de David era invulgar e ele se apercebeu disso antes de ir ter com Lourenço pela terceira vez, quando tentou se livrar das poções que havia recebido da feiticeira:

"pega no saco de plástico com os objectos de culto e vai à rua, disposto a libertar-se deles, muito longe da casa [...] os mortos querem que lhes devolva os seus pertences, concluiu" (ibid.:131-32). David queria a força mágica, mas não a de feitiçaria, e sim a de curandeiros, a magia branca que iria curar a sua má sorte. Uma magia que o pudesse ajudar a ser poderoso e a se reencontrar com os seus.

O banho com o sangue de bode, as relações com a feiticeira, o não conseguir livrar-se dos poderes da magia negra fazem com que David mergulhe, duma forma incondicional e Irreversível, no mundo da magia negra, que se vai consubstanciar no sétimo juramento da sua vida, em casa de Makhulu Mamba e diante da feiticeira e da serpente, constituindo e simbolizando, deste modo, a ala do mal, da magia negra, que vai combater contra a magia branca adoptada por Vera e Clemente.

Depois do tratamento que David teve com a feiticeira, os seus problemas melhoraram bastante, mas, pouco tempo depois, eclodiram novamente. Não tendo a possibilidade de devolver o feitiço que já havia levado, David procura novamente o auxílio de Lourenço, seu amigo, para resolver os seus eternos problemas. Por sua vez, Lourenço leva-o a casa do pai, que vivia num majestoso palácio, no meio da floresta: Makhulu Mamba. Makhulu Mamba é feiticeiro, não é curandeiro. Ou seja, possui tanta riqueza graças à magia negra. Ele próprio se encarrega de nos explicar a diferença existente entre ele e os curandeiros: "ao curandeiro vão os pobres, os deserdados da sorte, à busca da esperança e de tudo o que não têm. Vão os ricos e poderosos, para preservar o poder e a riqueza, e prevenir quedas que lhes possam trazer pobreza e sofrimento. Ao Makhulu Mamba vão apenas os eleitos" (ibid.: 149).

Diante do Makhulu Mamba, apesar de ter-se apercebido de que o homem acumulava riquezas graças ao comando de fantasmas, os problemas que o afligem ganham mais voz, são mais fortes do que qualquer outra força. Não quer estar preso e desonrar a sua família, não quer perder o cargo de director da empresa e perder o prestígio de desfrutar das melhores mulheres da praça, não quer ser conotado como fracassado na vida; daí que se vai submeter ao juramento de Makhulu Mamba, o sétimo e o último da sua vida. Um juramento feito a partir de um quadro terrível de magia negra, um quadro que nos permite visualizar cinematograficamente cores e imagens vivas e animadas de mochos a piarem, serpentes a silvarem, leões a rugirem, fantasmas a marcharem, as florestas a serem engolidas por crateras, o vento-moinho a levantar as folhas secas e os homens a caçarem outros homens. O baptismo de David começa com a seguinte invocação, feito pelo Makhulu Mamba, sacerdote dos feiticeiros "A ti, deus do poder e da riqueza, a ti chamamos neste momento. Nesta noite de lua, sete homens caminharão na estrada à busca da tua bênção. Querem alcançar a condição humana desejada por todos os mortais. Dá-lhes o poder, de

acordo com a coragem e a força de cada um. Sê piedoso com eles tal como és comigo e com todos os teus fiéis” (ibid.:163).

David faz o juramento da sua fidelidade à confraria dos feiticeiros diante de uma serpente. E o juramento termina, quando Makhulu Mamba lhe confere a posse da ordem da confraria: “a partir de agora, vou ensinar-te os segredos dos seres vivos, o mistério dos animais e das plantas. Vou ensinar-te os segredos dos ossos, do cérebro e do sangue. Com mais lições, conhecerás os segredos grandes e pequenos. Comandarás o fogo, a chuva, a terra, o ar” (ibid.: 174).

O comportamento de David, desde que começou a buscar segurança na magia negra, passou a ser excessivamente agressivo. O juramento vai permitir-lhe acumular muito dinheiro, porque o mocho e a serpente vão buscar dinheiro alheio para as suas contas. Até hoje, acredita-se, entre os moçambicanos, sobretudo na zona sul e centro do país, que existem serpentes que roubam dinheiro nas casas dos vizinhos e acumulam-no na casa do seu dono. O feitiço vai ajudá-lo, ainda, a se desfazer dos problemas da fábrica, queimando todos os documentos que o iriam incriminar no tribunal. Essa riqueza toda de David deve ser alimentada por sangue da floresta humana, como bem diz a narradora do romance, mas o sangue não pode ser de qualquer pessoa, deve ser de um dos parentes mais próximos: filhos, esposa, irmão, pais. Essa é a razão pela qual, chegada a hora do sacrifício, David vai escolher Clemente como sendo a sua primeira vítima. A arte da confraria dos feiticeiros não foi feita para os fracos, por isso não se aceita que um discípulo erre, porque paga com a sua própria vida.

A fé de Vera em Deus de Israel era grande, daí que achava que não podia consultar os adivinhos, porque é pecado comunicar-se com os mortos. Repare-se que a ignorância da cultura do seu povo faz com que ela não se aperceba de que o seu marido, nessas viagens que fazia, tinha optado pela magia negra. A sua avó mostra-lhe que há possibilidade de o seu filho ter sido encarnado por um espírito de um antepassado, recuperando, desta forma, um dos meios mais antigos de transmissão de conhecimentos entre os africanos, nas quais, os mais velhos transmitem conhecimentos e a maneira de viver a partir da oralidade: “Há coisas que a ciência não explica. Há doenças que os remédios não curam. Há fenómenos da vida simplesmente inexplicáveis [...] As almas não morrem, Vera, encarnam-se. E este filho nunca foi teu, nunca te pertenceu. Começa por decifrar o mistério do seu nome [...] No nome está a raiz do problema. Os antepassados sempre disseram A VITO IMPONDO” (ibid.: 56).

Os problemas do seu filho, as explicações da avó sobre a encarnação, a contínua indiferença desse Deus perante os problemas do seu filho Clemente, vão precipitar Vera na procura de soluções nos mistérios do oculto. E completa-se, deste modo, um quadro estranhíssimo das relações de Vera com David, caracterizado por falsidade, pois tanto Vera como David consultaram

adivinhos escondendo-se um do outro, traindo-se. Até à hora fatal, ninguém ousou segredar ao seu par que consultava os mistérios do oculto. Com esta atitude, parece-me que Chiziane pretende denunciar o secretismo que reina entre as pessoas, mostrando, desta forma, a necessidade de comunicação e da superação de vários estereótipos que reinam em volta dos mistérios do oculto. Mas também tenta nos mostrar que há muita gente que vive de aparências. Se David fosse consultar os adivinhos com o conhecimento de Vera e esta, por sua vez, com o conhecimento de David, provavelmente optariam por um comportamento diferente perante a magia, evitando-se, deste modo, soluções fatais como as que foram adoptadas por Vera e Clemente.

Vera refugia-se, em definitivo, nos mistérios do oculto a partir do momento que entende que "o cristianismo fala da vida no céu e eu estou a sofrer aqui, na Terra, os tormentos da vida. Há gente que vai ao curandeiro e resolve os seus problemas. Também quero tentar" (ibid.: 186).

Vera mergulha, assim, numa contínua busca da solução dos problemas de que enferma o seu filho e o seu lar. Consulta os mistérios do oculto. Passa por vários curandeiros. Sobe montanhas e atravessa rios. Ouve coisas que nunca ouviu e sabe que o grande problema do seu lar e do seu Clemente é o seu próprio marido. É o facto de haver uma dicotomia entre "pai e filha na magia negra. Mãe e filho na magia branca. Paz e pobreza contra guerra e riqueza" (ibid.).

A curandeira Moya é a primeira que oferece a Vera uma solução dos seus problemas: uma simples pedra, água, pedaço de areia. Estes elementos inanimados é que a ajudam a vencer as investidas de David e Suzy, numa cena que se dá num cemitério:

— Mãe, vê o mesmo que eu?

— Aquela mão lançando fogo para os nossos olhos é a do teu pai, não é?

Clemente segura a pedra com firmeza, preparando-se para a luta desigual. Quem será o vencedor?

-Sejas tu quem fores, não me atingirás, nem a mim nem aqueles que eu amo — suspira Clemente [...]. Mas a lança atirada há poucos momentos sobre a terra não atinge o alvo [...]. Entra em pânico. [...] A terra jamais será minha. Fui vencido. Para todas as maldições, no Reino de Dumezulo não contam os vencidos. No vocabulário deste mundo não existem as palavras compaixão, humanidade, solidariedade. Neste universo de embriaguez, só se conhecem as palavras vitória, conquista, carnificina, dinheiro, diamante, dólar, libra esterlina, vítimas e deuses. Perdi o trono. [...] Por querer deixar de ser quem sou, submeti-me a ser o que nunca desejei: uma vítima. [...] Estou arrependido. (ibid.: 242-43)

Assistimos, neste trecho, à derrota de David e Suzy perante a força de Vera e Clemente. Daqui para a frente, assistimos, com muito interesse e com muita pena e prazer, a uma cena que vai terminar com a morte brutal de David. Depois de ter lançado um raio de fogo

contra Vera e Clemente, falhando-os, David atingiu os dois filhos que iam nascer dos ventres da sua secretária e da sua concubina, e Clemente, depois de ter escapado da morte, partiu para o fundo do mar, onde recebe a iniciação ao curandeirismo.

Acredita-se, entre os *tsongas*, que os melhores curandeiros são aqueles que possuem *mandique*, espírito que habita no fundo do mar. Acredita-se que esse espírito elege os seus para o mar e, numa cerimónia de batuque, são devolvidos à terra firme, com poderes de estabelecer comunicação entre os vivos e os espíritos do oculto. A imprensa nacional já reportou várias cerimónias desta natureza. O que é estranho, neste quadro descrito pela narradora de *O Sétimo Juramento*, é o facto de Clemente sair sozinho da água sem obedecer a este ritual. Em todo o caso, o seu regresso marca, em definitivo, o fim das investidas de David. Liberta Suzy dos efeitos da bruxaria do pai e monta remédios que desfazem a obra de feitiçaria de David, o qual é capitulado e é morto, seguidamente, por Makhulu Mamba, sob efeito mágico.

Antes de terminar a minha reflexão, gostaria de referir que Makhulu Mamba, na história narrada, representa, em si, a supremacia dos *ndaus* sobre os restantes povos da região, no que tange à magia negra. De facto, entre os habitantes da província de Inhambane, a briga, ou o contacto com os *ndaus* é de se evitar, porque a solução imediata dos membros desta tribo tem sido a morte, através de *mupfhukwa*. A tribo ocupa, hoje, os distritos de Mambone e Machanga, na província de Sofala, os quais pertenciam à jurisdição da província de Inhambane.

A morte penosa de David chama a atenção, como tenho vindo a dizer, para a necessidade de se evitar o contacto com este tipo de magia, a negra, porque o fim das pessoas que usam o poder dessa magia para estarem bem-sucedidas na vida é o derramamento de sangue dos seus parentes e a perda da sua própria vida.

Para terminar, gostaria de referir que *O Sétimo Juramento* é, acima de tudo, um romance que procura resgatar a cultura indígena de moçambicanos que, pela força da colonização e da guerra de 16 anos, ficou deturpada. A obra aborda sobretudo o conflito entre o conhecimento científico e a religião cristã, por um lado, e as crenças populares e a cultura urbana por outro, remetendo-nos a uma sociedade culturalmente heterogénea e em conflito cultural. A obra denuncia ainda a emergência de uma pequena burguesia em Moçambique pós-idependência. A mulher, na referida obra, e como é típico da burguesia, aparece como serva do seu marido, preocupada com o bem-estar e com a imagem da família. É uma mulher como aquela com que nos deparamos em “A Fuga”, de Clarice Lispector, em que uma mulher casada com um burguês se cansa da rotina da vida que levava e decide fugir do lar, que, no fundo, se assemelhava a uma prisão, mas a mulher não consegue fugir porque entende que é seu dever cuidar dos seus filhos e do seu marido.

BIBLIOGRAFIA

BERND, Zilá (1988). *Introdução à Literatura Negra. Leituras Afins*. Brasília: Brasiliense.

CHIZIANE, Paulina (2002). *O Sétimo Juramento*. Lisboa: Círculo de Leitores.

FERREIRA, Manuel. (1997). *50 Poetas Africanos*. 2.ª ed. Lisboa: Plátano Editora.

SILVA, Jussara Amaral. (s/d) "Negociações Identitárias na Escrita de Paulina Chiziane". *II Colóquio Culturas e Diásporas Africanas* – Universidade Federal de Juiz de Fora.

RESUMO

Neste trabalho, procura-se provar que tanto Vera, como David personagens do romance *O Sétimo Juramento* de Paulina Chiziane, quando se depararam com problemas, mesmo sendo cultos e cristãos, recorreram aos poderes do oculto: (magia e animismo), para os resolver. Explica-se que esse movimento de saída da ciência, da religião para a magia, corresponde ao regresso às raízes, às origens, à cultura moçambicana que se mostrava debilitada pela cultura e pela religião europeias impostas pelo colonialismo.

ABSTRACT

In this essay, we try to prove that both Vera and David, characters in the novel *The Seventh Oath* by Paulina Chiziane, use occult powers (magic and animism) to cope with problems, even though they are Christian and educated. It is explained that this movement out of science, from religion to magic, corresponds to the return to the roots, to the origins, to the Mozambican culture that appeared weakened by the culture and religion imposed by European colonialism.